


José Adelino Maltez, *Tradição e Revolução. Uma Biografia do Portugal Político*, volume I (1820-1910), Lisboa, Tribuna da História, 2004, pp. 560 ss.

D. Manuel II		<p style="text-align: right;">1910</p> <p><i>Metade do país é monárquico; metade do país é republicano...Por qualquer razão, que não nos compete investigar, os republicanos estão mais organizados que os monárquicos; noutras palavras, a maioria republicana activa é mais activa que a maioria monárquica activa</i> (Fernando Pessoa)</p> <p><i>O povo não está feito. É fazê-lo. Não é ressuscitá-lo. Ele nunca existiu. Na realidade, é dar-lhe nascimento e mostrá-lo à própria nação assombrada, como um homem novo e sem precedentes</i> (João Chagas).</p>
<p>Escândalos, conspirações e Teixeira de Sousa</p>		<p><i>A revolução começa em Junho e acaba em 5 de Outubro, porque, para Teixeira de Sousa ser chamado ao poder era preciso que a revolução estivesse pronta</i> (Fernando Pessoa).</p>

● **Da Alma Nacional a A Águia** – Apesar de vivermos aquilo que Carlos Malheiro Dias há-de qualificar como um *ano de tempestades, ano de calamidades, ano de revolução, ano de guerras, ano de cometas*, estamos numa época de *nacionalismo místico*, destacando-se, nesse ambiente, a revista *Alma Nacional*, surgida em Fevereiro de 1910, sob a direcção de António José de Almeida, aquele que, segundo Raul Brandão, é acima de tudo um *orador, até os seus artigos são discursos...mas justiça, liberdade e povo, que para outros não passam de palavras, são para ele realidades profundas*. Aí se considera que há um *povo*, uma *nação*, uma *pátria*, prisioneiras da *monarquia*, do *clericalismo*, bem como dos maus partidos, com as suas coligações e o seu caciquismo. Os republicanos, porque fiéis ao *espírito nacional*, querem destruir o velho e construir o novo, utilizando, para tanto o instrumento do *partido republicano*. Do mesmo universo mental está imbuída *A Águia*, revista mensal publicada no Porto entre 1910 e 1932, como órgão do movimento da *Renascença Portuguesa*, que, entre 1912 e 1916, é dirigida por Teixeira de Pascoaes. Como principais colaboradores: Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão (1884-1960), António Correia de Oliveira (1879-1960) e Afonso Lopes Vieira (1878-1946), bem como Fernando Pessoa e Mário Sá-Carneiro e o pintor António Carneiro.

● **Saudosismo** – Aí se estrutura o chamado saudosismo, entendido como *o sangue espiritual da raça*, um *sentimento-ideia*, uma *emoção reflectida*. Ligando a ideia de saudade ao autonomismo quinhentista e ao processo de resistência sebastianista, o movimento, que defende uma *democracia religiosa e rural*, há-de ser injustamente acusado de *passadista*, quando, pelo contrário, assume um

activismo vitalista, anti-intelectualista e anti-mecanicista. Como depois dirá Fernando Pessoa, para os saudosistas, *matéria e espírito são... reais e irrealis ao mesmo tempo*, pelo que se opera a *materialização do espírito* e a *espiritualização da matéria*. Contra esta perspectiva, vai, depois, rebelar-se António Sérgio, para quem o *progresso moral dum povo está dependente do seu progresso económico*.

● **Escândalos:** Questão Hinton na Câmara dos Deputados. Afonso Costa lê cartas comprometedoras de pessoas ligadas ao paço (22 de Abril). Escândalo da Companhia do Crédito Predial (1 de Maio). Desfalque na empresa presidida por José Luciano. O franquista Melo e Sousa, então governador do Banco de Portugal, decide, com rigor, não apoiar a companhia.

● **A causa do povo** – Ao reunir-se para eleger o último directório do Partido Republicano Português, datada de 12 de Abril, reconhece que *fazer vingar a causa do povo em Portugal é operar uma obra de prodígio. É por assim dizer- criar. O povo não está feito. É fazê-lo. Não é ressuscitá-lo. Ele nunca existiu. Na realidade, é dar-lhe nascimento e mostrá-lo à própria nação assombrada, como um homem novo e sem precedentes* (João Chagas).

● **Socialistas pró-republicanos** – Dissidentes socialistas, liderados por Agostinho Fortes, esboçam a criação de um *Partido Socialista Reformista*, admitindo que a ideologia possa ir para a gaveta, até ao derrube da monarquia, através de uma aliança com os republicanos.

● **Conspiração republicana:** Juiz de instrução Almeida Azevedo em informação confidencial dirigida a D. Manuel II, reconhece que *os republicanos preparam-se activamente para a revolução* (9 de Junho).



Machado Santos² reúne cerca de mil carbonários, criando-se uma *comissão de resistência* para entrar em acção quando saísse a revolução para a rua, estrutura que não dependia do directório do PRP (14 de Junho). Em meados deste mês, o almirante Cândido dos Reis, chefe militar supremo da revolução, marca para 14 de Julho o começo do levantamento. Inicia, então, uma viagem pela província (23 de Junho), tendo em vista a organização da

revolta. Tem vários encontros com oficiais em Santarém, Torres Novas, Tomar, Leiria, Coimbra e Figueira da Foz. Nesta sequência, realiza-se o congresso do Partido Republicano no Porto (dias 29 e 30 de Abril), onde até se fala na existência de uma intervenção estrangeira destinada a manter a monarquia, temendo-se tanto a Espanha como a Inglaterra. Eduardo Vilaça, transmite um telegrama cifrado vindo de Paris, onde a polícia secreta francesa comunica informação fidedigna, onde se reconhece *que está tudo preparado em Portugal para um movimento contra as instituições* (26 de Junho). Há sucessivas reuniões para o efeito com capitão Palla, Cândido dos Reis e Machado Santos em casa do Fontes Pereira de Melo, visando um levantamento que acaba por ser desmobilizado, face à não adesão do coronel Ramos da Costa.

● **Conspiração externa** – Noutra frente conspiratória, José Relvas², Magalhães Lima e Alves da Veiga são enviados pelo partido para

contactos diplomáticos em Paris e Londres (22 de Julho). Num memorando do secretário do *Foreign Office*, Edward Grey, observa-se que a Inglaterra não



reconheceria um regime republicano que tivesse *excessos violentos e um governo manchado de sangue*. Daí que o directório apele para a necessidade de um *levantamento ordeiro* (Julho). Grande comício republicano em Lisboa (7 de Agosto). Governo, dizendo temer movimento revolucionário das oposições monárquicas, põe as tropas de prevenção (19 de Agosto). Em 6 de Agosto, Teixeira de Sousa também recebe informação do Juiz de Instrução, onde se anuncia a hipótese de *uma nova saldanhada, mas com chacina rija nos elementos suspeitos de liberais*, visando *uma feroz*

ditadura militar sob o consulado de Vasconcelos Porto. Mas os oposicionistas do Bloco acusam o governo de fazer *uma nova pavorosa para amedrontar o rei.* Novo comício republicano em Lisboa (21 de Agosto). Os participantes pedem que se passe das palavras aos actos. Neste mês, a polícia descobre uma organização conspiradora lançada por João Chagas, enquanto ganha força a tese legalista do directório, liderada por Bernardino Machado, ficando a iniciativa subversiva quase monopolizada pela Carbonária. Neste sentido, António Maria da Silva promove paradas clandestinas de tropas da Carbonária, com centenas de soldados e sargentos desfilarão à luz do dia. Hélder Ribeiro, Alfredo Ernesto Sá Cardoso (1864-1950) e Aragão de Melo decidem colaborar no plano da revolução (17 de Setembro). Polícia descobre bombas na residência do carbonário João Borges que declara: *as bombas eram para a hipótese de isto andar para trás,* isto é, para uma ditadura militar (18 de Setembro). Sucessivas reuniões da Comissão de Resistência da Carbonária com Hélder Ribeiro e Sá Cardoso (25 de Setembro). Marinha ameaça avançar sozinha com o plano revolucionário (29 de Setembro).

●**Anticlericalismo governamental:** Portaria governamental censura a supressão da folha franciscana *Voz de Santo António* que fora ordenada por Roma (9 de Julho) Em Agosto, ordenado inquérito à residência dos jesuítas no Quelhas

●**Contra Vilhena!** *O mal todo da nossa política existe desde que elegemos para chefe o Júlio de Vilhena! Ele não faz nada, não se ocupa de nada e não se importa com nada, excepto com ser presidente do conselho!* (António Teixeira de Sousa para D. Manuel II)

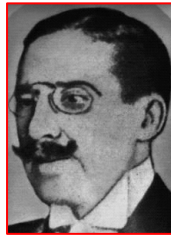
●**Governo nº 55** (26 de Junho) **Teixeira de Sousa** (102 dias). Apoio dos dissidentes progressistas. O último governo da monarquia, sob a presidência de Teixeira de Sousa tem, contra ele, para além dos republicanos, os progressistas de José Luciano, os vilhenistas, os henriquistas, os franquistas e os católicos alinhados com os jesuítas, naquilo que então se designa pelo *bloco conservador.* Antes, foram convidados para chefe do governo António de Azevedo

Castelo Branco, Anselmo de Andrade e Wenceslau de Lima. Todos recusam.

●Depois da ditadura de João Franco, a plataforma de distribuição do poder fica situada no palácio real, com um jovem monarca condenado a não poder repetir os gestos do assassinado pai. Não lhe sendo possível enveredar pela senda do franquismo, tenta apoiar-se nas lideranças dos dois velhos partidos rotativos, apelando para a constituição de novas forças políticas. Mas as duas lideranças partidárias de que dispunha estão insanavelmente desgastadas. Júlio de Vilhena não consegue controlar Teixeira de Sousa, Campos Henriques e Wenceslau de Lima. José Luciano teme, sobretudo, o regressado José de Alpoim. Os franquistas, com o afastamento de João Franco, perdem a hipótese de protagonismo.

●Os republicanos já enveredam efectivamente pela via da ruptura revolucionária. Primeiro, por causa do 31 de Janeiro de 1891. Segundo, em virtude da experiência franquista. Sentem, sobretudo, força conspiratória. À *acalmação* de Ferreira do Amaral, os republicanos respondem, qualificando-a como *franquismo sem Franco.*

● A histeria é tanta que até tivemos governos que caíram por causa de duelos protagonizados pelo deputado Caeiro da Mata, primeiro com o ministro da fazenda Manuel Afonso Espregueira, depois com o líder da maioria Moreira Júnior. Tentando ser fiéis ao espírito anticlerical dos governos da monarquia liberal, dois ministros da justiça entram em delírio anti-congreganista (Francisco José de Medeiros, no governo de Wenceslau de Lima, e Manuel Joaquim Fratel (1869-1938) no governo de Teixeira de Sousa).



●Presidente acumula o reino. Manuel Joaquim Fratel²⁷ na justiça – Anselmo de Andrade na fazenda. General José Nicolau Raposo Botelho na guerra. José Ferreira Marnoco e Sousa na marinha e ultramar. José de Azevedo Castelo Branco nos estrangeiros. José Gonçalves Pereira dos Santos nas obras públicas.

●**Apoio dos dissidentes progressistas.** O formal chefe dos velhos regeneradores (então com 30 deputados), tem também o apoio dos dissidentes progressistas (então com 8 deputados). Recebe a frontal oposição de um *bloco* de progressistas, franquistas, henriquistas, vilhenistas, nacionalistas, católicos e miguelistas.

●O rei tenta estabelecer uma impossível **trégua política** entre partidos e chega a convidar para o efeito Júlio de Vilhena, que diz querer um *governo de combate*, António de Azevedo, Anselmo de Andrade e Wenceslau de Lima.

●**Contra Teixeira de Sousa!** *A revolução começa em Junho e acaba em 5 de Outubro*, porque, para Teixeira de Sousa *ser chamado ao poder é preciso que a revolução estivesse pronta* (Fernando Pessoa).

●**A liberdade contra a reacção** – O médico transmontano escolhido, amigo pessoal de Bernardino Machado, Afonso Costa e Brito Camacho, considera, como os republicanos, que o inimigo é o jesuíta e até aceita o binário da *liberdade* contra a *reacção*. Preferindo ficar preso na primeira opção, acaba por ser o efectivo cozeiro da monarquia. O tempo não está para liberais à antiga nem para políticos velhos, apenas com forma nova. E os últimos cem dias de governo da monarquia acabam por ser perdidos em tricas politíqueiras. Até porque

os republicanos, como então reconhece Brito Camacho, consideram que *quanto mais liberdades nos derem, mais delas usaremos contra eles*.

●**Eleição n° 45** (28 de Agosto). Bloco liberal, apoiante do governo, 90 deputados (sousistas, dissidentes progressistas, franquistas de Malheiro Reimão, católicos franciscanos da democracia-cristã). Bloco conservador de oposição (lucianistas, henriquistas, franquistas, nacionalistas, católicos jesuíticos e miguelistas). 14 deputados republicanos.

●**Ditadura plebiscitária** – Paiva Couceiro, o sucessor mítico de Joaquim Mouzinho de Albuquerque, em 20 de Setembro, dá uma entrevista ao jornalista Joaquim Leitão, de *O Porto*, onde diz só ver como saída para o impasse algo que *estava fora dos seus princípios*, isto é, *uma ditadura plebiscitária, para evitar o obstruccionismo parlamentar da edificante liga monárquico-republicana*, o que passaria por uma *intentona*, isto é, por uma *demonstração militar, não, porém, para fazer a república, mas para a desfazer*.

●**Greves** de corticeiros, tanoeiros e garrafeiros (29 de Setembro).

●**A teoria e a prática da conspiração** – Lisboa, uma cidade com 400 000 almas, segundo Carlos Malheiro Dias, tem sempre a *vocação dramática dos pronunciamentos, das revoltas e das conspirações*.

☞ Agostinho, José (V): 408, 414; Baptista, Jacinto (1983): 20; Cabral, António (*O Agonizar...*): 381; Chagas, João (3ª Série, 1910): 261, 270; Montalvor, Luís /Oliveira, Lopes de (II): 352; Oliveira, Lopes: 380; Pabón, Jesus: 101, 102, 402; Pessoa, Fernando (1978): 299; Ramos, Rui: 539; Ribeiro, Ângelo, VIII: 454; Sousa, António Teixeira de (1912, I): 27, 87, 97, 98, 105; (II): 149, 201, 209, 213, 226; Valente, Vasco Pulido (1976): 23, 100, 101, 102, 103, 105, 106; Vilhena, Júlio (1918): 170, 399, 400, 401.

↗ **Da esquerda**

Bloco Liberal

- Apoia o governo de Teixeira de Sousa. 89 deputados. 58%.
- No grupo de esquerda ou *bloco liberal*, estão os *dissidentes progressistas* de José de Alpoim, ditos os *buicidentes*, os *franquistas* de Melo e Sousa e Malheiro Reimão, e os católicos de cariz franciscano, contrários ao partido nacionalista, influenciado pelos jesuítas, com Quirino de Jesus e Abúndio da Silva, defensores da *democracia cristã*.

Regeneradores sousistas

- 30 deputados

Dissidentes progressistas

- Já ditos pelos adversários como os *buicidentes*, quando os implicam no regicídio.

Franquistas dissidentes

- Linha de Malheiro Reimão e Melo e Sousa, apoiantes de Teixeira de Sousa

Católicos de inspiração franciscana

- Ditos da *democracia-cristã*, com Quirino de Jesus e Abúndio da Silva

Republicanos

- Mesmo entre os republicanos, há uma esquerda, com Afonso Costa, que lê o jornal *O Mundo*, e uma direita, com Brito Camacho, que tanto lê *A Lucta*, como *O Povo de Aveiro*, de Francisco Homem Christo.

Para a direita ↘

Bloco Conservador

- Opõe-se ao governo de Teixeira de Sousa. Segundo este, são 41 deputados. 33%.

● Na direita, então dita *bloco conservador*, alinham os progressistas de José Luciano, em torno do *Correio da Noite*, os regeneradores de Campos Henriques, os franquistas de Vasconcelos Porto, com o *Correio da Manhã*, e os nacionalistas de Jacinto Cândido, em torno de *Liberdade*, apoiado em Castelo Branco por Tavares Proença, bem como dos jornais *Palavra*, dirigido por Francisco Gonçalves Cortez, e de *Portugal*, dirigido pelos jesuítas do padre Matos.

Progressistas lucianistas

- 23 deputados. Têm o apoio do jornal *Correio da Noite*. Dois deputados progressistas de Beja não integram o bloco conservador.

Regeneradores henriquistas

- 8 deputados apoiantes de Campos Henriques

Franquistas

- Liderados por Vasconcelos Porto, com o apoio do jornal *Correio da Manhã*

Nacionalistas

- 3 deputados. Liderados por Jacinto Cândido, com o apoio do jornal *Liberdade*